

“O quixotesco Boris Johnson” da pandemia de Covid-19

Juliana Alcantara

Universidade de Coimbra

E-mail: alc.juli@gmail.com

Resumo

O primeiro-ministro britânico Boris Johnson começou a ser alvo de críticas nos *media* do próprio país antes mesmo da pandemia de coronavírus ter sido decretada, o que ocorreu em 11 de março pela Organização Mundial da Saúde. Ainda em março, o porta-voz do governo testou positivo para a Covid-19 e esteve em estado crítico de saúde num processo de internamento. Para colocar em perspetiva o caso em Portugal e tencionando compreender como a narrativa jornalística construiu a personagem mediática em questão, analisaremos o artigo “Especiais, mas poucos” do semanário português *Expresso*, publicado em 23 de maio de 2020. A abordagem metodológica

combina a narratologia e a teoria do jornalismo, tendo em conta a narrativa noticiosa como um elemento fundamental para o conhecimento do mundo e um campo de formação e representação de identidades. Sob estas perspetivas, compreende-se como a personagem mediática Boris Johnson foi construída em meio ao contexto de crise pandémica. O primeiro-ministro britânico figurou a partir das características do protagonista da obra de Miguel Cervantes. Foi possível analisar como a personagem Dom Quixote se desloca do plano ficcional-literário para o plano factual-jornalístico e como sua sobrevida serviu para o caracterizar como louco.

Keywords: narrativa; jornalismo; personagem mediática; política; pandemia; Covid-19.

Abstract

British Prime Minister Boris Johnson began to be the target of criticism in the country's own media even before the coronavirus pandemic was declared, which took place on 11 March by the World Health Organization. Also, in March, the government spokesman

tested positive for Covid-19 and was in a critical state of health in a process of hospitalization. To put the case in perspective in Portugal and intending to understand how the journalistic narrative built the media character in question, we will analyse the news arti-

Data de submissão: 2020-07-14. Data de aprovação: 2020-09-15.

Revista Estudos em Comunicação é financiada por Fundos FEDER através do Programa Operacional Factores de Competitividade – COMPETE e por Fundos Nacionais através da FCT – Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do projeto *LabCom – Comunicação e Artes*, UIDB/00661/2020.



cle "Specials, but few" in the Portuguese weekly newspaper *Expresso*, published on May 23, 2020. The methodological approach combines narratology and journalism theory, considering news narrative as a fundamental element for knowledge of the world and a field of formation and representation of identities. From these perspectives, we tend to understand how the media character Boris Johnson

was built in the context of a pandemic crisis. The British Prime Minister figured from the characteristics of the protagonist of Miguel Cervantes' literary work. It was possible to analyse how the character Don Quixote moves from the fictional-literary plane to the factual-journalistic plane and how his survival served to characterize him as crazy.

Keywords: narrative; journalism; media character; politics; pandemic; Covid-19.

Introdução

“NUMERÁVEIS são as narrativas no mundo” já enunciava Barthes (1981, p. 19) no célebre texto da edição de 1966 da revista *Communications*, em que publicavam, entre outros, Umberto Eco, Gérard Genette e Tzvetan Todorov. Banda desenhada, contos, videogames, realidade virtual, conversas pelo Messenger, imagens pelo WhatsApp, filmes, séries, novelas, teatros, mitos, anedotas, canções, pinturas, esculturas, breves, artigos e muito mais que não se pode descrever justamente porque não há como limitar as incontáveis narrativas do nosso mundo. Há, desde logo, uma variedade de narrativas além das que Barthes elencou porque é imprevisível saber para onde a mudança no mundo contemporâneo vai apontar. É inviável saber de antemão quais serão os novos meios, formatos, formas de narrar e que novas narrativas irão se apresentar e quais serão aceites no corpo social. Somos hoje produtores e produtos, narradores e destinatários, numa rede de histórias que se entrecruzam, se apoiam, se refutam e se influenciam mutuamente em (e por) relatos transportados por aportes tecnológicos (Motta, 2017) de modo a conduzirmos e sermos conduzidos por meios que nos afetam e condicionam as narrativas (Ryan, 2009).¹

“A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade” (Barthes, 1981, p. 19), ela faz parte das nossas vidas e é através dela que aprendemos e construímos sentidos. Nesta conceção e entendimento de mundo, a narrativa jornalística faz o seu papel de construtora da realidade. Com efeito, a imprensa faz das vidas quotidianas uma história (Fulton, 2005, p.1). Assim, estudar os textos jornalísticos como narrativas é uma das formas de analisar as histórias que moldam, remodelam e reafirmam a sociedade tal como ela é (Tuchman, 2013).

1. Marie-Laure Ryan (2009, p. 468) utiliza a metáfora das tubagens para tratar de como os meios afetam o tipo de informação transmitida, e como podem alterar as condições de receção.

Com o intuito de compreender como a narrativa jornalística é construída e como se relaciona com a figuração da personagem mediática, analisar-se-á neste artigo uma publicação no semanário português *Expresso*. Para uma visão mais ampla do estudo de caso desenrolado, seguir-se-ão breves apreciações das versões da personagem Boris Johnson em narrativas de imprensa britânicas e norte-americana, para que nos sirvam de comparações (Margolin *apud* Marques, 2020). No caso aqui examinado, veremos como a personagem Dom Quixote se desloca do plano ficcional-literário para o plano factual-jornalístico. Previamente, trataremos da teoria da narrativa tendo em conta o modo do discurso noticioso e, sendo a narrativa um elemento fundamental para o conhecimento do mundo, não deixa de ser também um campo de formação e representação de identidades.

A pandemia de coronavírus ainda não havia sido decretada (o que ocorreu em 11 de março pela Organização Mundial da Saúde) e Boris Johnson já começara a receber críticas nos *media* do seu próprio país. O *Financial Times* publicou no início do mesmo mês um artigo de opinião intitulado “Coronavirus demands Boris Johnson stops feuding and starts governing”² (Coronavírus exige que Boris Johnson deixe de brigar e comece a governar, em livre tradução). O *The Guardian*³ seguiu a mesma linha ao tentar explicar o “caos” e o porquê do principal porta-voz do governo britânico ter sumido, o que foi sentido inclusive pela comunidade acadêmica – tendo em conta a publicação do artigo “Where is Boris Johnson? When and why it matters that leaders show up in a crisis” (Tomkins, 2020).

Em 27 de março, porém, Boris Johnson testou positivo para a Covid-19 e esteve em estado crítico de saúde num processo de internamento, tendo retornado ao trabalho em 26 de abril. A partir deste momento, o PM britânico começou a ser tratado pelos *media* internacionais de modo diferente, o que é notado no caso do jornal norte-americano *Washington Post*, que alçou Boris Johnson ao patamar de uma autoridade exemplar e que deveria servir como modelo de liderança.⁴ No artigo publicado um dia após Johnson testar negativo e receber alta do hospital, percebeu-se a mudança de tom nos artigos. O primeiro-ministro ultrapassou as críticas – foi do governante que, no início da pandemia, fora acusado de irresponsabilidade, por não acatar as regras de isolamento social determinadas pela OMS, ao modelo de liderança de uma nação.

Na própria Grã-Bretanha, os *media* divergiram em suas opiniões e construíram a personagem Boris Johnson ora como o salvador, ora como o desorientado. Na edição

2. Disponível em: www.ft.com/content/70a94ada-5c6e-11ea-b0ab-339c2307bcd4 (Coronavirus demands Boris Johnson stops feuding and starts governing. *Financial Times*, 2 de março de 2020).

3. Disponível em: www.theguardian.com/commentisfree/2020/may/27/boris-johnson-coronavirus-dominic-cummings (Boris Johnson has failed to protect the nation. Instead he’s protecting one man. *The Guardian*, 27 de maio de 2020).

4. Disponível em: www.washingtonpost.com/opinions/2020/04/13/trump-can-learn-something-boris-johnson-about-leadership/ (Trump can learn something from Boris Johnson about leadership. *Washington Post*, 13 de abril de 2020).

de 11 de maio, o britânico *Daily Telegraph* chamou o plano de Johnson de "o longo caminho para a liberdade", enquanto que o *The Guardian* em tom de desaprovação publicou sobre o discurso do primeiro-ministro ter deixado a nação "confusa e dividida", ao que o governo substituiu a mensagem "fique em casa" por "fique alerta".⁵

Narrativa e jornalismo

As estruturas narrativas, geralmente, são organizadas em início, meio e fim. No jornalismo, no entanto, o que importa é o fim, ou seja, o desenlace da história, o ponto de situação do facto apresentado, os últimos acontecimentos. A organização do texto jornalístico obedece a regras e técnicas já estabelecidas, em que o *lead* e o *sublead* (em outros termos, o primeiro e o segundo parágrafos que obedecem a ordem da pirâmide invertida da teorização jornalística e que levam a quem lê o que é mais importante primeiro, e o que é menos importante em seguida) dão conta do quê, do quando, do quem, do onde e do porquê do ocorrido.

As narrativas jornalísticas nascem da realidade e, sob determinados modos e condições, constroem representações da realidade, porém, nunca a realidade em si (Kealing, 2014). Ora, afinal, as notícias não estão por aí à espera de serem descobertas. Notícias são construídas e há meios de fazê-las (Fulton, 2005). As práticas jornalísticas, sobretudo a da imprensa, embora rádio e televisão também as tenham como base, envolvem processos que são frequentemente tratados como garantia de isenção, e imparcialidade. Estão associadas ao *newsmaking* os conceitos de valores-notícia (Fulton, 2005; Traquina, 2002), o uso de fontes, o *gatekeeping*, o *agenda-setting* e os determinantes económicos (Fulton, 2005, p. 219). O processo noticioso, que nada tem simplista, implica níveis de complexidade que "requerem uma permanente negociação; nas tipificações temporariamente estabelecidas, enraizadas no ritmo de trabalho; e na constituição mútua dos factos e das fontes, realizadas quer pela ancoragem da rede de notícias em instituições quer pelas negociações entre concorrentes-colegas" (Tuchmann, 2002, p. 98).

Considerando que "todas as notícias são narrativas" (Fulton, 2005, p. 233), importa saber quem a constrói, como a edifica e a conduz, e sob quais efeitos atua. O estilo da objetividade jornalística depende de uma maneira de narrar os factos, realizado pelo discurso na terceira pessoa, que impessoaliza, de certa maneira, o narrador externo à história. O jornalista assume, portanto, o perfil de autor-narrador. Mas, isto não significa que haja uma "ficcionalização do real" (Araújo, 2017, p. 143).

Encarar as notícias e as reportagens como construções não é o mesmo que as pensar, por exemplo, na perspetiva da criação literária, na qual o autor é livre para

5. Disponível em: www.heraldscotland.com/news/18439676.paper-round-up-boris-johnsons-path-coronavirus-lockdown-england-dominates-front-page/ (Paper round-up: Boris Johnson's path out of coronavirus lockdown for England dominates front page. *Herald Scotland*, 11 de maio de 2020).

percorrer os universos possíveis da imaginação. Por isso, o jornalista-contador-de-estórias – analogia comum entre os autores do paradigma construtivista – não é um ficcionista, mas um indivíduo que assume uma postura distinta da do jornalista-espelho, defendida por paradigmas anteriores. (Araújo, 2017, p. 143)

Comunicar é um processo de seleção (Luhmann, 2006). No caso do jornalismo, ele não só cria, mas também reformula, legitima e fixa significados através de personagens e de suas histórias. Como contar um facto noticioso sem fontes, sem cúmplices, sem que nem ao menos o repórter tenha visto o acontecido com os próprios olhos? E quando há várias versões do mesmo facto, qual privilegiar, qual contar primeiro, deve-se optar por uma em detrimento das outras, e, se sim, qual deixar de referir? Sem pensarmos especificamente no tempo disponível nas redações para a escrita e entrega da notícia nem nas técnicas dispensadas ao escrever jornalismo, a decisão do enquadramento da notícia é algo do qual o repórter não pode fugir. Enquanto profissional de jornalismo, é de fator incontestável: é preciso fazer escolhas.

No processo de construção jornalística de sentido, a seleção atua como “um procedimento inevitável na construção de narrativas jornalísticas e, conseqüentemente, das suas personagens” (Marques, 2020, p. 177). Notícias, comumente, associam eventos a indivíduos para compor uma história e, não raro, são utilizadas as mesmas ferramentas das narrativas ficcionais para a criação de personagens. A reportagem não apenas incorpora personagens em uma história, mas também associa eventos a indivíduos e não a instituições, moldando e reformulando formas de pensar e de agir. Por outras palavras, essa estratégia de individualização tem conseqüências ideológicas significativas. Ao apontar o ator social como responsável por problemas e por soluções, o papel de instituições, do governo e das grandes empresas é ofuscado e, por vezes, eliminado (Fulton, 2005).

A narrativização dos factos torna os assuntos complexos mais compreensíveis, mas também acaba por oferecer resultados danosos. O jornalismo informa de maneira fragmentada e sem conexão, e, uma vez que a cronologia das histórias é obscurida, não são apresentadas relações causais nem contextos mais amplos que gerem um melhor entendimento dos acontecimentos. Tal situação dificulta uma possível transformação na maneira de apresentar os factos (Fulton, 2005).

Personagem e jornalismo

A narrativa nos serve como interpretação e significação da realidade, de forma simples. Um outro efeito desta simplificação é a produção de estereótipos. A caracterização e a redução das identidades no processo noticioso são formas de refletir e reforçar a construção social de estereótipos que são alheias à notícia, mas fazem parte do enquadramento de mundo que dá conta o jornalismo.

O que o jornalismo faz é “converter (termo de Eça) uma pessoa numa personagem” (Reis, 2014, p. 130), ou seja, os *media* atuam na figuração, que “não é simplesmente um outro modo de entender a convencional caracterização, sendo antes um processo mais amplo, englobante e consequente” (*idem*, pp. 122 e 123). Com as personagens “mantemos um diálogo feitos de simpatias e de antipatias, de seduções e de rejeições” (Reis, 2018, p. 18). Nossas relações nunca são nulas, neutras nem completas, tais como as narrativas, sempre há pontos de indeterminação, sempre há omissões.

Na mediação comunicacional, nomeadamente a do jornalismo, a construção das personagens funciona tal e qual a construção das personagens fictícias (Fulton, 2005) e obedece regras deontológicas. Estas são, não raro, postas em causa – particularmente quando envolvem questões de privacidade. Ainda assim, não teríamos acesso às rotinas, às práticas, aos costumes, aos escândalos, aos relacionamentos de determinadas figuras tornadas públicas se não fossem as notícias. Tudo o que sabemos sobre uma “pessoa real” é o que dela é mediatizado. É, pois, a criação de personagens “uma atividade estruturante das práticas e do discurso jornalístico” (Mesquita, 2003, p. 124).

“Em política, ser é aparecer e parecer” (Mesquita, 2003, p. 138). Isto é, as figuras políticas sabem do poder de construção (e desconstrução) que os *media* possuem e se alimentam deste potencial. Na caracterização política em especial, transformar uma personalidade em personagem é uma constância nos *media*. Mesquita (2003) atribui esse feito de figuração essencialmente à criatividade do jornalista que forma e informa. Ao dispor da sua subjetividade, o jornalista não se isenta; ele ou ela se responsabiliza pelo que apresenta e como se posiciona, assim como deve fazer a instituição a qual faz parte.

No estudo de caso conduzido a seguir, veremos como o primeiro-ministro britânico figurou na página do *Expresso* e como se deu o “deslize” para a narrativa mediática da personagem Boris Johnson num contexto de pandemia. Como nos fala Peixinho e Araújo (2017, p. 235) este é um cenário onde as figuras “perdem a dimensão humana e complexa que ontologicamente possuem, para se verem reduzidas a uma soma de traços identificadores, submetidas a procedimentos retórico-textuais de figuração, que compõem os seus perfis, muitas vezes esquemáticos e incompletos, a partir dos quais os leitores ou espectadores formarão a sua opinião”.

Abordagem metodológica

A abordagem metodológica proposta no presente trabalho combina o estudo dos *media* com a narratologia. Para isso, usaremos as ferramentas das estratégias discursivas típicas da narrativa jornalística como categorias, que, conforme aponta Helen Fulton (2005, p. 233), podem ser discutidas sob os seguintes aspetos: ângulo, onde se discute a perspetiva; ponto de conclusão, em que é analisado o ponto de situação;

cronologia; focalização e individualização, posicionando e envolvendo personagens à história.

Como forma de observarmos a figuração da personagem mediática, a análise proposta por Marques (2020, p.181) serve como base e fornece-nos o modelo que contempla as variáveis: (1) identificação da peça jornalística, (2) análise da personagem e (3) aspetos formais. Como o nosso intuito expresso nesta etapa é contemplar a personagem na análise, focar-nos-emos na segunda variável. Como a autora indica, é necessário, portanto, que se identifiquem:

- i) a designação da personagem; ii) o seu relevo (personagem principal, secundária ou figurante); iii) a tipologia (personagem individual ou coletiva); iv) composição (personagem tipo ou não e, em caso afirmativo, identificar o que tipifica); v) discurso (direto, indireto, ambos ou ausente); vi) número de citações ou vivos da personagem; vii) caracterização (direta, indireta ou mista); viii) função da personagem na peça (humanização, autoridade, caracterização de realidade ou caracterização de personagem); ix) léxico (levantamento dos nomes, adjetivos e advérbios usados, pelo jornalista, na caracterização da personagem); x) categorização (tipos de características que, através do léxico, são atribuídas à personagem: identificação demográfica, físicas, mentais, familiares, profissionais, sociais, psicológicas e/ou ideológicas); xi) transitividade (levantamento dos verbos usados, pelo jornalista, na caracterização da personagem e posterior análise dos processos de transitividade presentes); xii) modalidade do discurso (epistémica, apreciativa; deontica); xiii) temas presentes no discurso. (Marques (2020, pp. 181 e 182).

Como pontua Carlos Reis (2014, p. 122),

(...) sendo um processo ou um conjunto de processos, a figuração é dinâmica, gradual e complexa. Isto significa três coisas: que normalmente ela não se esgota num lugar específico do texto; que ela se vai elaborando e completando ao longo da narrativa; e que, por aquela sua natureza dinâmica, a figuração não se restringe a uma descrição, no sentido técnico e narratológico do termo, nem mesmo a uma caracterização, embora esta possa ser entendida como seu componente importante.

É, então, crucial a análise do processo de construção da personagem mediática, amparada por metodologias interdisciplinares, como as propostas, e que não se restrinjam à personagem que ganhou sobrevida em termos sintáxicos.

Foi selecionado o artigo “Especiais, mas poucos” do semanário português *Expresso*, publicado em 23 de maio de 2020. O texto tem assinatura do correspondente em Londres, Paulo Anunciação, na secção internacional do Primeiro Caderno do jornal.

Expresso: “Especiais, mas poucos”

Como quem lê é incapaz de memorizar tudo ao pormenor, os tópicos ou as macroestruturas semânticas indicam-nos os assuntos destacados num texto de imprensa. Por isso, as questões mais globais expressas no discurso noticioso estão presentes nos títulos (van Dijk, 2017). Para analisarmos o ângulo da notícia, devemos olhar para o *lead* e para o título. Para Fulton (2005, p. 234), no parágrafo de abertura e na manchete estão o “esboço geral do enredo” que encontraremos no restante do texto. No artigo em análise, o título “Especiais, mas poucos” coloca em questão o “mito da excecionalidade britânica”, já que o Reino Unido, na altura, ultrapassava em número de mortos por Covid-19 países como a França, a Espanha e a Itália, epicentro europeu da epidemia do coronavírus no mês de março de 2020.

A cronologia é um ponto desenvolvido ainda no *lead*, que inicia com “No dia 10 de maio”. A linha temporal é um aspeto por vezes obscurecido nos textos de reportagem, para que se enfatize o imediatismo da notícia (Fulton, 2005). Apesar do jornalista não traçar uma sequência clara de acontecimentos, o discurso apresenta indicativos de tempo como “até quinta-feira”, “desde o início da pandemia”, “nos últimos quatro anos” que orienta quem lê. A maneira como a história é contada, ora com verbos conjugados no presente ora no passado, minimiza as possíveis relações causais. Embora quem leia possa assumir correlação entre os eventos, as consequências não ficam explícitas (Fulton, 2005).

As conferências diárias de Downing Street, transmitidas em direto pela televisão e na internet, costumavam incluir diapositivos coloridos com comparações entre países. Depois do dia 9, porém, esses gráficos desapareceram. Para sempre.

Percebe-se um nível de subjetividade do autor em “costumam incluir”, na forma em que o verbo é conjugado, e na expressão “para sempre” como frase única. O tom pouco amigável do artigo indica que a ideia da superioridade do povo inglês não foi suficiente para evitar as transmissões e as mortes decorrentes do vírus. A falta de controlo e de ações públicas para enfrentar a pandemia são enfatizadas. Ainda no primeiro parágrafo, o texto em continuação ao trecho supracitado, guia o leitor para opiniões que apontam esforços inúteis, como em “tentou justificar” e a adjetivação em “discreto professor” para referir-se ao porta-voz (diretor-geral da Saúde) que não está acostumado a dar declarações públicas. O Reino Unido é tratado como inapto, como um país não preparado para o enfrentamento da pandemia e como causador de danos.

O uso de adjetivos negativos, nomeadamente “classificação *pouco invejável* dos países da Europa”, “*debilitada* infraestrutura saúde britânica”, “para aliviar o stress dos serviços hospitalares, *assoberbados* diariamente com novos doentes” mostram a carência de objetividade na notícia. A presença de conjunções adversativas, e, sobretudo, os advérbios de modo reforçam a invocação da subjetividade e a construção de

sentido. São exemplos os trechos “O confinamento obrigatório geral entrou em vigor no dia 23, *mas* já era tarde”, “o país regista *invariavelmente* a subida percentual mais elevada do mundo”.⁶

“As comparações internacionais têm de ser tratadas com extrema cautela”, tentou justificar-se Chris Witty, algo embaraçado, durante a conferência. Diretor-geral da Saúde, é um discreto professor de Medicina que a pandemia transformou num nome familiar para todos os britânicos.

Estando no *lead* e no *sublead* os pontos mais importantes do artigo, segundo o formato jornalístico da pirâmide invertida (cabe aqui lembrar que nesta estrutura está o mais importante para ser informado no início do texto, ao contrário da narrativa tradicional que apresenta o clímax e o desfecho da história no final), o ponto de fechamento indica, no caso estudado, o número de mortos. Vale ressaltar o uso da expressão “a verdade é que”, tornando o facto apresentado a seguir indiscutível, e que os números são comparados com outros países europeus e com os Estados Unidos. Esta estatística, como se sabe, é dinâmica em contextos epidémicos - vide o uso da expressão adverbial de tempo “por enquanto”, que mostra que se espera que ocorram mais mortes. Ademais, a morte é um “valor-notícia fundamental” (Traquina, 2002, p. 187). A mortalidade de uma população é critério de noticiabilidade incontestável e relevante, por afetar muitas pessoas, e que tem na teoria do jornalismo sua justificação. Como elucida Nelson Traquina (2002, p. 189), a relevância “responde à preocupação de informar o público de acontecimentos importantes, porque têm impacto sobre a vida das pessoas, determinando a forma como a noticiabilidade tem a ver com a capacidade de incidência do acontecimento sobre essas pessoas, sobre as regiões, sobre os países”.

A verdade é que os números são pouco abonatórios, qualquer que seja o ângulo de análise estatística. O Reino Unido registou mais de 36 mil mortes por covid-19 até quinta-feira. Em termos absolutos, apenas os Estados Unidos — com uma população quase cinco vezes superior — têm mais vítimas mortais. Em termos de mortes per capita, o Reino Unido continua a trepar posições e é já o terceiro pior país do mundo, com 537 óbitos por milhão de habitantes, por enquanto atrás da Bélgica (801) e Espanha (597).

Como refere van Dijk (2017) a respeito das imagens na notícia, e suas legendas correspondentes, é crucial analisarmos também a foto selecionada para ilustrar o artigo. Vê-se uma criança ao meio de pares de sapatos que representam as pessoas que morreram em decorrência do coronavírus, numa instalação de um grupo ambientalista que exigia a retomada à normalidade de maneira sustentável. A menina indefesa, sozinha, perdida num pátio cimentado remetaria ao povo britânico, ou até mesmo ao primeiro-ministro britânico, Boris Johnson, perdido em meio à pandemia.

6. Grifos da autora.



Figura 1. Imagem publicada na reportagem do *Expresso*
 Fonte: *Expresso*, 23 de maio de 2020.

***Expresso*: “O quixotesco Boris Johnson”**

Boris Johnson assume a posição de personagem principal, sendo ele uma autoridade que representa o povo britânico. Os momentos em que se apresentam citações diretas no artigo diz respeito à proibição de ir e vir e que está relacionada à hora de lazer típica da cultura britânica (“*direito antigo, inalienável*”) de cada britânico poder ir ao pub) e à retórica belicista, que menciona períodos de guerra, vitórias armadas e mitos britânicos.

Usou palavras como “guerra”, “bunker” e “inimigo invisível”. Invocou mitos que há muito fazem parte da alma nacional, como o da excecionalidade britânica ou o do chamado “Blitz Spirit”, o espírito de determinação, estoicismo e união que a população terá demonstrado quando as suas cidades foram bombardeadas pela Luftwaffe alemã durante a II Guerra Mundial.

No restante, o discurso do primeiro-ministro se apresenta na forma indireta. Contudo, há citações na primeira pessoa referentes a outras pessoas. Estas são personagens secundárias que servem para fortalecer a identificação da principal e sustentar a tom da personagem.

“O Governo teve outras coisas em que pensar nos últimos quatro anos”, explica o professor Martin McKee, da Escola de Higiene e Medicina Tropical de Londres, numa referência ao complicado processo do ‘Brexit’ espoletado pelo referendo de junho de 2016.

Segundo George Batchelor, diretor da firma Edge Health, que analisou três destes eventos, a utilização em massa de transportes públicos e as visitas frequentes dos espectadores a bares e pubs, antes e depois destes eventos, resultaram em “aumentos significativos da mortalidade e das hospitalizações ligadas a covid-19 nas respetivas regiões”.

“Sempre tive muitas dúvidas sobre este conceito da excecionalidade britânica”, escreveu na semana passada o colunista Matthew Parris, antigo deputado conservador e um dos comentadores mais apreciados no país. “Agora deixei de as ter. A forma como lidámos com esta crise tem sido excecional. Excecionalmente má.”

De se pontuar também que o facto de Boris Johnson ter estado internado em estado grave por conta da Covid-19 não é citado nem contextualizado. O nome “Boris Johnson” é citado duas vezes, e apenas o sobrenome “Johnson” outras duas. As referências “primeiro-ministro” e “dirigente conservador”, que indica a posição política ideológica, são encontradas, cada uma delas, uma única vez. É importante observar, inclusive, como se constroem as ações da personagem, quais são os verbos utilizados para designá-las e quais interpretações podem ser aferidas a partir de então. A voz passiva é empregada em “A enorme taxa de mortalidade por covid-19 no Reino Unido está ligada, sobretudo, à resposta frouxa do Governo chefiado por Boris Johnson”, enquanto a voz ativa é utilizada em:

(...) o primeiro-ministro *anunciava*, algo contrariado, que *teria de restringir* o “direito antigo, inalienável” de cada britânico poder ir ao pub.

(...) o dirigente conservador *gabou-se* de ter cumprimentado vários doentes de covid-19 com um aperto de mão.

Johnson *adotou* uma atitude negligente, quase quixotesca.

Johnson *recorreu* às metáforas históricas habituais, *imitando* os tiques de um dos seus grandes heróis, Winston Churchill.

Tendo em conta que o tema da narrativa é a maneira como a Grã-Bretanha lidou com a pandemia, Boris Johnson é tido, em termos gerais, como o culpado pelas mortes por covid-19 e pelas contaminações do coronavírus no país. O entretítulo “O quixotesco Boris Johnson” funciona como uma continuação da ideia exposta anteriormente no artigo, responsabilizando o primeiro-ministro. Interpretação esta a que o próprio adjetivo “quixotesco” nos remete, alguém ingênuo e que ostenta uma valentia que não possui. Fica explícita a escolha da construção da personagem em “resposta frouxa do Governo chefiado por Boris Johnson” e em “Johnson adotou uma atitude negligente, quase quixotesca”.

Isto nos mostra que, muito além da literatura, a personagem de Miguel de Cervantes personaliza uma figura pública. A maneira como Boris Johnson é caracterizado dar-nos a conhecer a sobrevida da personagem Dom Quixote, ultrapassando os limites literários ficcionais e alcançando níveis de compreensão em outro contexto, nomeadamente o mediático noticioso. É de se admirar, entretanto, que as manifestações da figura dar-se-iam em variados cenários, não apenas explicadas simplesmente pela sua popularidade (recorda-se que a obra foi publicada no início do século XVII), mas como continua a ocorrer a “vastíssima exegese, talvez a mais ampla, diversificada e fecunda que alguma vez contemplou uma personagem” (Reis, 2014, p. 137).

A adjetivação reduz a personagem Dom Quixote de Cervantes, que não é somente um louco, mas que é também representado como um cavaleiro irracional, fantasioso, alucinado, insano e possuidor de características como dignidade, bondade, discrição, e é alguém capaz de manter uma conversação amigável e respeitosa durante situações de conflitos que, mesmo que imaginadas, para ele fazem parte do real (Tenório, 2019; Costa Vieira, 2005; Cro, 1973). Mais tarde, em 1905, o Dom Quixote cervantista é interpretado por Unamuno como “um indivíduo sisudo e com juízo, que enlouquece de maturidade de espírito”, pois “não pensa apenas com a cabeça, pensa com todo o corpo e toda a alma” (Celedón, 2008, p. 3). O autor vê a loucura quixotesca como uma “loucura glorificada”, cuja “raiz era o desejo de glória e renome, o desejo de sobreviver, de não morrer”⁷ (Trapanese, 2010, p. 355).

Síntese conclusiva

Analisar a notícia por completo por uma perspectiva narratológica permitiu-nos compreender como as personagens mediáticas são construídas. Vimos em quais contextos, a partir de quais olhares e a partir de quais seleções de palavras e de imagens Boris Johnson figurou como personagem no jornalismo e, mais concretamente, como sua performance de primeiro-ministro britânico durante a pandemia de Covid-19 foi construída como notícia. Como nos faz lembrar Mesquita (2003), as figurações das personagens mediáticas estabelecem e organizam as sociedades contemporâneas e os seus respetivos sistemas políticos.

Boris Johnson não foi mostrado apenas como porta-voz do governo, mas como líder de uma nação que se acha especial. Ele é a personagem principal da narrativa jornalística analisada e é adjetivado a partir das características do protagonista da obra de Miguel de Cervantes. Observamos que o deslocamento da figura literária Dom Quixote para o nível factual do jornalismo serviu para o caracterizar como louco.

No caminho que nos apontam Fulton (2005) e Tuchman (2013, 2002), concluo: visto que o jornalismo atua como construtor da realidade que nos é apresentada, é

7. Tradução própria.

possível selecionar e narrar outras histórias, de forma a representar e enquadrar o mundo numa nova construção de representações e ideologias.

Referências

- Araújo, B. (2017). *Estudos narrativos e teoria do jornalismo: a narrativa de Veja e IstoÉ sobre uma manifestação de estudantes da USP*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://hdl.handle.net/10316.2/41340>.
- Barthes, R. (1981). *Análise estrutural da narrativa*. (7 ed) Petrópolis: Editora Vozes.
- Celedón, E. (2008). Unamuno: Vida de Dulcinea do Toboso. *Atas do XI Congresso Internacional da ABRALIC Têxtil, Interações, Convergências*. São Paulo, Brasil: USP.
- Costa Vieira, M. (2005). Louco lúcido: Dom Quixote e o Cavaleiro do Verde Gabão. *Revista USP*, (67): 282-293.
- Cro, S. (1973). Cervantes entre don Quijote y Dulcinea. *Hispanófila*, (47): 47-57.
- Fulton, H. (2005). Print news as narrative. In H. Fulton, R. Huisman, J. Murphet & A. Dunn, *Narrative and media* (pp. 218-244). Cambridge: Cambridge University Press.
- Luhmann, N. (2006). *A Improbabilidade da Comunicação*. (Seleção e Apresentação João Pissarra) 4ª edição. Lisboa: Vega.
- Marques, I. (2020). Personagens no jornalismo: a cobertura da morte de Mário Soares no Diário de Notícias e no Observador. In C. Reis (org.), *Dinâmicas da Personagem: Colóquio Internacional "Figuras da Ficção 5"* (pp. 171-191). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Mesquita, M. (2003). *O quarto Equívoco – o poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: Minerva Coimbra.
- Motta, L. (2017). Análise pragmática da narrativa: teoria da narrativa como teoria da ação comunicativa. In A. Peixinho & B. Araújo, *Narrativa e Media: géneros, figuras e contextos* (pp. 43-69). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Peixinho, A. & Araújo, B. (2017). A narrativa da desconfiança na política: a figuração do político. In A. Peixinho & B. Araújo, *Narrativa e Media: géneros, figuras e contextos* (pp. 233-267). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Reis, C. (2014). Pessoas de livro: figuração e sobrevivência da personagem. *Revista de Estudos Literários*, 4: 43-68.
- Reis, C. (2018). Figura, pessoa, figuração. *Colóquio Letras*, (199): 9-19.
- Ryan, M. (2009). Narration in various media. In P. Huhn, et al. (eds.), *The Living handbook of narratology*, 1, (pp. 468-488).

- Tenório, K. (2019). Dom Quixote e João Grilo: uma análise das personagens principais d'O Auto da Compadecida e de Dom Quixote de La Mancha, suas aventuras e desventuras. *Revista Cadernos Cênicos*, 1(1): 1-14.
- Tomkins, L. (2020). Where is Boris Johnson? When and why it matters that leaders show up in a crisis. *Leadership*, 1742715020919657.
- Traquina, N. (2002). *O que é Jornalismo*. Lisboa: Quimera Editores.
- Tuchman, G. (2002). As notícias como uma realidade construída. In J. Esteves, *Comunicação e Sociedade* (pp. 94-104). Lisboa: Livros Horizonte.
- Tuchman, G. (2013). The production of news. In K. Jensen (ed.), *A handbook of media and communication research* (pp. 90-102). London and New York: Routledge.
- van Dijk, T. (2017). *Discurso, notícia e ideologia: estudos na análise crítica do discurso*. Famalicão: Edições Húmus.